

# OS CLÁSSICOS EM PUBLICAÇÃO – MESTRADO EM ESTUDOS EDITORIAIS



JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO<sup>1</sup>

**Resumo:** Faz-se uma breve apresentação do Mestrado em Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro e apresentam-se algumas situações problemáticas da publicação de textos bilingues e de edições críticas.

**Palavras-chave:** Mestrado em Estudos Editoriais; Universidade de Aveiro; textos bilingues; edições críticas.

**Abstract:** We briefly present the Masters in Publishing Studies of the University of Aveiro and present some problematic situations in the publication of bilingual texts and critical editions.

**Keywords:** MA in Publishing Studies; University of Aveiro; bilingual texts; critical editions.

**N**uma mesa redonda intitulada ‘Os clássicos em publicação’ e ladeado pelos diretores de duas editoras universitárias, sinto-me claramente como um ‘Pilatos no credo’ já que não sou editor, nem diretor de nenhuma editora.

De facto, fui convidado para esta mesa redonda na qualidade de Diretor do Mestrado em Estudos Editoriais, embora a minha intervenção também pudesse ser enquadrada por ser um dos tradutores de um projeto que aqui foi apresentado há pouco, e ainda por ter sido antigo diretor do *Boletim de Estudos Clássicos* da Universidade de Coimbra e por ser, na atualidade, diretor da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* (<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/ago-ra.htm>) da Universidade de Aveiro. Ora, sobretudo nestas duas últimas funções, tenho lidado, de facto, com a publicação de traduções de textos clássicos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Professor Catedrático da Universidade de Aveiro e Diretor do Mestrado em Estudos Editoriais.

<sup>2</sup> A revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* tem uma secção, ainda que não permanente, de ‘Textos com tradução’, em que, além dos textos bilingues, é também apresentada uma introdução e são fornecidas algumas notas.

Nesta situação algo ingrata, vou tentar fazer uma apresentação sumária do Mestrado em Estudos Editoriais e depois apresentar ainda alguns casos concretos de problemas nem sempre bem resolvidos na edição de traduções bilíngues ou na apresentação de edições críticas de textos clássicos.

O Mestrado em Estudos Editoriais teve a sua origem remota na quebra acentuada de alunos para as licenciaturas em ensino de línguas da Universidade de Aveiro que se verificou há alguns anos. De facto, nos anos iniciais deste século, o número de alunos que procuraram as licenciaturas em ensino diminuiu drasticamente, levando o Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro a procurar o recrutamento de alunos através de outras soluções. Nessa altura, nasceram quatro licenciaturas (ainda com quatro anos letivos): Línguas e Relações Empresariais (a primeira a surgir); Línguas, Literaturas e Culturas, Línguas e Tradução Especializada e Línguas e Administração Editorial. Esta última licenciatura, com a implementação do Processo de Bolonha, vai ‘dividir-se’ na Licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais<sup>3</sup> (com três anos letivos) e no Mestrado em Estudos Editoriais<sup>4</sup> (com a duração de dois anos letivos).

Na criação destes dois cursos estava um pouco subjacente a ideia de que a Licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais seria a grande base de recrutamento para o Mestrado em Estudos Editoriais, ainda que, desde o início, as candidaturas tenham ficado abertas, por opção clara da nossa parte, a todas as outras licenciaturas. A realidade, porém, tem sido outra: de facto, com exceção dos primeiros anos, a maioria dos alunos tem vindo de outras origens. Neste ano, por exemplo, dos trinta (30) novos alunos do mestrado só cinco (5) são provenientes da referida licenciatura com todos os outros a virem de um leque alargado de licenciaturas desde a área de Humanidades até à Matemática, passando pelo *Design* e por outras áreas disciplinares, incluindo formações complementares em Direito.

Embora a formação específica do mestrado esteja confinada, em termos reais, a pouco mais de um ano e um quarto, já que o restante tempo — Bolonha *oblige* — está destinado à realização da Dissertação ou do Projeto ou do Estágio, tentámos incluir uma série de áreas-chave: História e Cultura do Livro, Tipologias da Edição; A Edição na Atualidade, Gestão Editorial, Marketing Editorial, Propriedade Intelectual e Direitos de Autor, Revisão de Texto, Literatura Infante-juvenil, e uma forte componente de novas tecnologias, nomeadamente em três disciplinas: Multimédia Editorial I e II e Design Editorial<sup>5</sup>.

Como é óbvio, é impossível em dois anos letivos formar profissionais completamente aptos se não houver formações prévias em algumas áreas e assim, como diretor de curso, tenho insistido com os alunos numa ideia que sempre foi importante, mas que, no ensino atual, assume particular relevância: mais do que ensinar e aprender de forma completa e final, é importante ensinar e aprender para abrir portas a novas aprendizagens e, sobretudo, a uma atualização permanente, mostrando e demonstrando o mais relevante, como é óbvio, mas apontando, sobretudo, para os percursos individuais que cada aluno vai ter de cruzar. A este propósito, recordo-me, por exemplo, de uma estagiária que tinha como formação prévia uma licenciatura e um mestrado em *design*: os primeiros

<sup>3</sup> Veja-se a informação oficial em <http://www.ua.pt/ensino/PageCourse.aspx?id=35>.

<sup>4</sup> Confira-se a informação oficial em <http://www.ua.pt/ensino/PageCourse.aspx?id=119>.

<sup>5</sup> Veja-se uma síntese do plano curricular no final deste nosso texto.

tempos de estágio foram algo complicados porque tendia a privilegiar pensar a sua atuação como *designer* e não como editora ou assistente editorial. Foi um caminho algo doloroso, sobretudo no início, mas que acabou por desembocar em bom porto.

As valências possíveis são muitas e os alunos acabam por privilegiar uma ou outra de acordo com o seu gosto pessoal ou as condições disponíveis:

- em dissertações, temos feito alguma história de casas editoras e de livrarias, incluindo do Brasil;
- nos projetos, temos livros nos mais diversos figurinos: edição de autor, livro de poesia, livro de fotografia, livro de poesia e fotografia, livro de artista;
- nos estágios, as orientações são dadas, maioritariamente, pelas empresas em que os alunos são colocados e variam, como é bom de ver, de acordo com a própria empresa, com o estagiário e com a época do ano em que o estágio se realiza.

Para ficarmos dentro de portas, tomemos o exemplo da Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) que já vai em cerca de uma dezena de estagiários nossos, além de ter uma funcionária superior que também é nossa aluna. Melhor do que eu, poderia falar o Diretor da IUC, Doutor Delfim Leão, aqui presente, mas penso que não serei desmentido se disser que a IUC tem ficado bastante satisfeita com o trabalho desenvolvido pelos estagiários. Acrescente-se que a IUC tem tido a preocupação de adequar as funções a desempenhar às características de cada estagiário, sem prejuízo de lhes dar uma visão geral das tarefas existentes numa editora. Pela minha parte, estou muito satisfeito com a formação prática que os meus alunos têm recebido na IUC e que se tem plasmado nos relatórios finais que servem para a obtenção do título de mestre em estudos editoriais, alguns com classificações muito elevadas.

Temos tido a trabalhar conosco um leque muito variado de editoras e de entidades que, não sendo editoras, têm atividade e conhecimento editoriais relevantes, desde grandes grupos editoriais como a Porto Editora e a LeYa, passando por editoras universitárias como a IUC e as Edições Universidade Fernando Pessoa, por empresas com algum peso editorial, como Afrontamento, Almedina, Âncora, Civilização, Educação Nacional, Psicossoma, Publindústria, Teodolito (agora integrada na Afrontamento), por editoras mais pequenas como a Edita-me e a Trinta por um linha, e ainda por Bibliotecas Municipais, nomeadamente a de Aveiro e a da Póvoa de Varzim.

Temos recusado algumas colaborações quando consideramos que ou não há atividade editorial minimamente consistente ou não há conhecimento suficiente para ensinar alguma coisa aos nossos estagiários. Estou a recordar-me de um caso em que tem havido uma procura insistente de estagiários nossos e em que, da nossa parte, também tem havido uma recusa insistente em aceitar essa colaboração já que, na nossa avaliação, embora haja uma atividade editorial com alguma relevância, não há, nessa empresa, quem possa servir de guia aos nossos estagiários que iriam trabalhar ‘em roda livre’ e isso não nos interessa minimamente.

Tentamos dar uma formação que permita trabalhar o objeto livro, mas tendo em atenção que, mesmo sem haver ainda um acordo na União Europeia sobre o assunto — e daí as diferentes taxas de IVA aplicáveis aos diferentes formatos — o livro (e a revista) pode ter, neste momento, formatos e suportes muito diferenciados que, para além de alguns aspetos em comum (é fundamen-

tal, por exemplo, haver sempre uma boa revisão de texto, para puxar a brasa para a disciplina que leciono), implicam um conjunto de características (e, conseqüentemente, de trabalhos) diferentes, nomeadamente se tivermos em mãos um livro em formato papel, um livro em PDF, (que já pode apresentar algumas especificidades, como a presença ou ausência de pesquisa automática de termos, por exemplo) e um *ebook* de última geração em que as características multimédia são absolutamente fundamentais.

Embora, pessoalmente, esteja convencido de que os livros, no seu formato tradicional, vão continuar a existir por muitos e bons anos, também não tenho dúvidas de que os novos formatos estão aí para durar e, por isso, temos todo o interesse em lhes aproveitar as potencialidades e, neste caso concreto, em possibilitar que os alunos do mestrado fiquem habilitados para os produzir.

A importância dos novos formatos foi assumida por mim de forma clara já em 1999, ano em que participei na fundação da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* de que tenho vindo a ser diretor. De facto, desde o início, tomei a decisão, partilhada pelos outros colegas da direção, de disponibilizar todos os textos publicados na internet em formato PDF. Inicialmente, esta disponibilização só era feita passado um ano sobre a edição em papel (na altura em que saía o número seguinte), mas, rapidamente, passamos a reduzir este espaço de tempo entre a edição em papel e a edição *online*: primeiro, reduzimos para seis meses, depois, para dois meses, mais tarde, para um mês e, finalmente, para uma disponibilização simultânea, que, na realidade, acaba por ser muito mais rápida na internet já que a disponibilização é feita na altura em que nos chegam os exemplares impressos, ficando imediatamente disponível a edição *online*, enquanto a edição em papel ainda vai demorar algum tempo a ser embalada, a ser expedida pelos correios e a chegar ao público.

A simples disponibilização *online* permite a consulta em todo o lado em que haja um computador ligado à rede, chegando a sítios onde os exemplares em papel nunca chegariam. De vez em quando, costumo fazer umas pesquisas no *Google* com o nome da revista e, além dos textos disponíveis e de diversas remissões para os mesmos, tenho encontrado uma série de páginas que procedem à divulgação da revista sem nós termos feito alguma vez um pedido nesse sentido: páginas de estudos clássicos, de bibliotecas, de universidades e de revistas *online*, etc..

As referências à revista são já uns largos milhares e aparecem na Europa, nas Américas, sobretudo na América Central e do Sul, com particular realce para o Brasil, mas também na Ásia. Para meu espanto, encontrei remissões para a revista numa universidade islâmica da Indonésia e, ainda para maior espanto, na República Popular da China.

Vejamos agora dois problemas específicos — um relacionado com a publicação de traduções bilingues e o outro com a publicação de edições críticas — e também as soluções que foram (ou não) encontradas para os resolver.

1. Na publicação de traduções onde se inclui o texto original, a solução mais adotada — e a que é também mais simpática para o leitor — passa pela inclusão do texto original numa das páginas e da tradução na outra página em frente de modo a que o leitor, com o livro aberto, possa ver os dois textos em simultâneo (habitualmente, como se pretende valorizar a tradução, coloca-se esta na página ímpar, ficando o texto original na página par anterior).

Como na tradução de textos gregos e latinos estes, por norma, ocupam menos espaço do que a respetiva tradução, há um problema de paginação que tem de ser resolvido e que, algumas vezes, ainda é agravado, quando se põem notas à tradução que fazem aumentar o espaço ocupado por esta.

A solução passa por uma enorme atenção quando se está a trabalhar a paginação de modo a fazer coincidir no mesmo par de páginas (par e ímpar) textos que se correspondam se não na totalidade, pelo menos numa percentagem que esteja muito próxima dos 100%, podendo, naturalmente, haver uma ou outra palavra que não esteja em perfeita sintonia de paralelismo. Não se trata de um trabalho muito complicado, mas exige uma atenção muito grande e deve envolver o autor da tradução e o paginador de modo a que tudo corra bem. No caso de o paginador conhecer bem o grego e o latim, esse trabalho pode ser feito só por ele, mas será sempre conveniente dar a rever ao autor um conjunto de provas tipográficas já com a paginação feita.

O procedimento anterior é seguido na revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* como se pode verificar nos textos seguintes disponíveis *online*:

<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Amorgos.pdf>;

<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Proverbios.pdf>;

<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/10.%20Manjarrés%20.pdf>.

Acontece, porém, que, algumas vezes, alguém se distrai nesse trabalho e acaba por fazer a paginação dos dois textos sem essa preocupação, originando, no limite, uma situação muito incómoda para o leitor já que este, se quiser confrontar a tradução com o texto original, tem de andar algumas páginas para trás.

Tenha-se em atenção, por exemplo, o que acontece num livro recente<sup>6</sup>, já que, em determinada altura, a tradução portuguesa aparece completamente desfasada do texto latino (veja-se que o texto português das páginas 111 e 113 tem a respetiva correspondência latina nas páginas 108 e 110).

Embora não tenha acompanhado minimamente a edição, não estarei muito enganado ao pensar que o problema terá surgido por não terem sido dadas a rever ao autor provas tipográficas do texto já paginado.

2. Há também um outro problema que exige muita atenção para ser resolvido de maneira satisfatória: trata-se da utilização do aparato crítico na publicação de uma edição crítica. De facto, para esta informação ser útil ao leitor e poder ser consultada com facilidade, é necessário que todos os dados fiquem corretos, nomeadamente a indicação certa das linhas em que as diferentes lições se encontram. Dadas as características técnicas do aparato crítico, o problema já não é muito simples de resolver quando se está a trabalhar a edição pela primeira vez e a fazer tudo de novo, mas torna-se ainda mais complicado quando se pretende utilizar uma edição crítica já publicada, mas que utilizou uma mancha tipográfica diferente. De facto, neste caso, as indicações das linhas do texto terão de ser todas alteradas e conferidas e, de modo algum, se pode, pura e simplesmente, copiar a informação que consta da edição original.

<sup>6</sup> Aires A. Nascimento, *S. Vicente de Lisboa: legendas, milagres e culto litúrgico (testemunhos latinomedievais)*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2011.

Ora, foi precisamente esta última situação que aconteceu com um texto de D. Jerónimo Osório de que eu fiz a edição crítica<sup>7</sup> quando um grupo de colegas da Universidade Nova de Lisboa me pediu autorização para a utilizar a acompanhar a tradução que fizeram<sup>8</sup>. De facto, quem tratou da preparação da edição limitou-se a copiar *ipsis uerbis* as informações constantes da minha tese de doutoramento sem ter em atenção que a mancha tipográfica era completamente diferente. Como consequência disso, o aparato crítico torna-se completamente ininteligível e, por essa razão, inútil.

Como se poderá compreender, fui completamente alheio à situação, já que, em momento algum, me foram facultadas provas tipográficas e, pelos vistos, também ninguém as terá visto com atenção.

Acresce que esta obra parece ter nascido, realmente, em má hora, já que a própria tradução apresentada é claramente problemática e com muitas deficiências, chegando a dizer precisamente o contrário do que diz o texto original e até a atribuir pelo menos uma fala do diálogo a uma personagem diferente daquela a quem o autor a atribuiu.

Para terminar, e tendo como referência estes dois casos que apresentei, gostaria de chamar a atenção para o cuidado técnico e a atenção redobrada que são necessários na publicação de textos bilingues ou de edições críticas.

Muito obrigado.

---

### Síntese do Plano Curricular do Mestrado em Estudos Editoriais

| 1.º semestre                         |         | 2.º semestre                                |         |
|--------------------------------------|---------|---|---------|
| Tipologias da Edição                 | 8 ECTS  | Gestão Editorial                            | 6 ECTS  |
| Multimédia Editorial I               | 8 ECTS  | Marketing Editorial                         | 6 ECTS  |
| História e Cultura do Livro ou opção | 8 ECTS  | Propriedade Intelectual e Direitos de Autor | 4 ECTS  |
| A Edição na Atualidade               | 6 ECTS  | Revisão de Texto ou opção                   | 6 ECTS  |
|                                      |         | Multimédia Editorial II ou opção            | 8 ECTS  |
| 3.º semestre                         |         | 4.º semestre                                |         |
| Design Editorial                     | 8 ECTS  | Dissertação/Projeto/Estágio                 | 30 ECTS |
| Literatura Infanto-juvenil           | 8 ECTS  |   |         |
| Dissertação/Projeto/Estágio          | 14 ECTS |   |         |

---

**João Manuel Nunes Torrão**

*jtorrao@ua.pt*

*Prof. Dr., Universidade de Aveiro, Portugal*

<sup>7</sup> João Manuel Nunes Torrão, *D. Jerónimo Osório e o tratado De gloria. I. Estudo. II. Edição Crítica*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1991.

<sup>8</sup> D. Jerónimo Osório, *Tratado De Gloria*. Edição crítica de João Nunes Torrão. Coordenação e Introdução de António Moniz. Tradução do texto latino e notas de António Moniz, Manuel Naia da Silva, Maria Leonor Santa Bárbara e Maria Alcina dos Mártires Lopes. Lisboa, Edições Colibri, 2006.

**Referências bibliográficas**

- Ágora. Estudos Clássicos em Debate*. Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas, 1999.
- NASCIMENTO, Aires A., *S. Vicente de Lisboa: legendas, milagres e culto litúrgico (testemunhos latinomedievais)*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2011, 160 pp.
- OSÓRIO, D. Jerónimo, *Tratado De Gloria*. Edição crítica de João Nunes Torrão. Coordenação e Introdução de António Moniz. Tradução do texto latino e notas de António Moniz, Manuel Naia da Silva, Maria Leonor Santa Bárbara e Maria Alcina dos Mártires Lopes. Lisboa, Edições Colibri, 2006, 411 pp.
- TORRÃO, João Manuel Nunes, *D. Jerónimo Osório e o tratado De gloria. I. Estudo. II. Edição Crítica*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1991, Tomo I: 366 pp., Tomo II: 203 pp.